



CORONEL FRED
Frederico Padoveze,
descendente de
soldados confederados.
"Não é orgulho dos
Estados Unidos. É do sul
dos Estados Unidos".

“MALDITOS IANQUES!”

140 anos depois do fim da Guerra Civil Americana, descendentes dos soldados sulistas celebram o orgulho confederado no interior de São Paulo

TEXTO THIAGO MEDAGLIA DE SANTA BÁRBARA D'OESTE | FOTOS VALDEMIR CUNHA

“Somos os confederados mais ao sul do continente”, diz, orgulhoso, o universitário Ricardo Weissinger. Uma vez por ano, Ricardo tira a farda do armário, modelo idêntico ao dos soldados sulistas que lutaram na Guerra Civil Americana. A ele juntam-se moças de longos vestidos rodados nos moldes de Scarlett O'Hara, protagonista do épico *...E o Vento Levou*. É dia de festa. No Cemitério do Campo, zona rural da cidade de Santa Bárbara d'Oeste, interior de São Paulo, as bandeiras dos Estados Confederados da América estão prontas para receber os descendentes dos americanos que há 140 anos perderam a guerra civil, mas não perderam a pose.



O primeiro confederado americano a chegar ao Brasil achou as terras e o clima de Santa Bárbara d'Oeste parecidos com os do Alabama

Alguns dos mais velhos comunicam-se em inglês, arranhado pelo sotaque do Alabama ou do Tennessee. As moças e os rapazes falam outra língua, o português, mas compartilham com seus avós o mesmo erre puxado só não se sabe se por influência familiar ou por causa do meio caipira onde vivem. A festa, que acontece sempre em abril, é organizada por uma tal Fraternidade Descendência Americana, fundada há 50 anos com o objetivo de perpetuar as tradições dos estados sulistas. Mas a única guerra que acontece por aqui é aquela em que o hot-dog, o hambúrguer e o *biscuit* (pãozinho típico do americano do sul) travam uma batalha particular contra a mandioca frita e o churrasco. A trégua acontece durante a dança, em que jovens devidamente trajados arriçam passos ao som de um country "raiz". "Assistimos

a filmes, lemos livros, investimos forte na pesquisa para que roupas e danças fiquem bastante originais", assegura Gabriela Weissinger, prima de Ricardo.

Tudo isso é também uma homenagem aos soldados confederados que, em 1865, deixaram o sul dos Estados Unidos, derrotados, para tentar vida nova nos trópicos. "É uma forma de celebrar nosso orgulho e a saga de nossos ancestrais", diz Gabriela. O conflito em questão ficou conhecido como Guerra da Secessão, uma terrível disputa separatista ocorrida nos Estados Unidos que durante quatro anos opôs os ianques do norte industrializado e os confederados do sul, ricos fazendeiros que desejavam manter o sistema escravocrata e formar uma nova nação. Foi um massacre, com vitória arrebatadora do norte (*veja quadro*). "A verdade é que somos des-

cententes de um soldado que perdeu a guerra, teve que engolir seco e partiu para outro país”, assevera Ricardo.

O primeiro sulista a partir rumo ao Brasil foi o coronel William Norris, veterano da guerra contra o México entre 1846 e 1848 e senador pelo Estado do Alabama. O coronel Norris chegou aqui em 1865 com mais de 60 anos de idade, logo após a derrota para os ianques. “Ele achou as terras e o clima de Santa Bárbara d’Oeste parecidos com os do Alabama”, revela o tataraneto Alison Jones, 62 anos. Resolveu ficar. Antes de se estabelecer, voltou para buscar a família que tinha lutado na Guerra de Secessão.

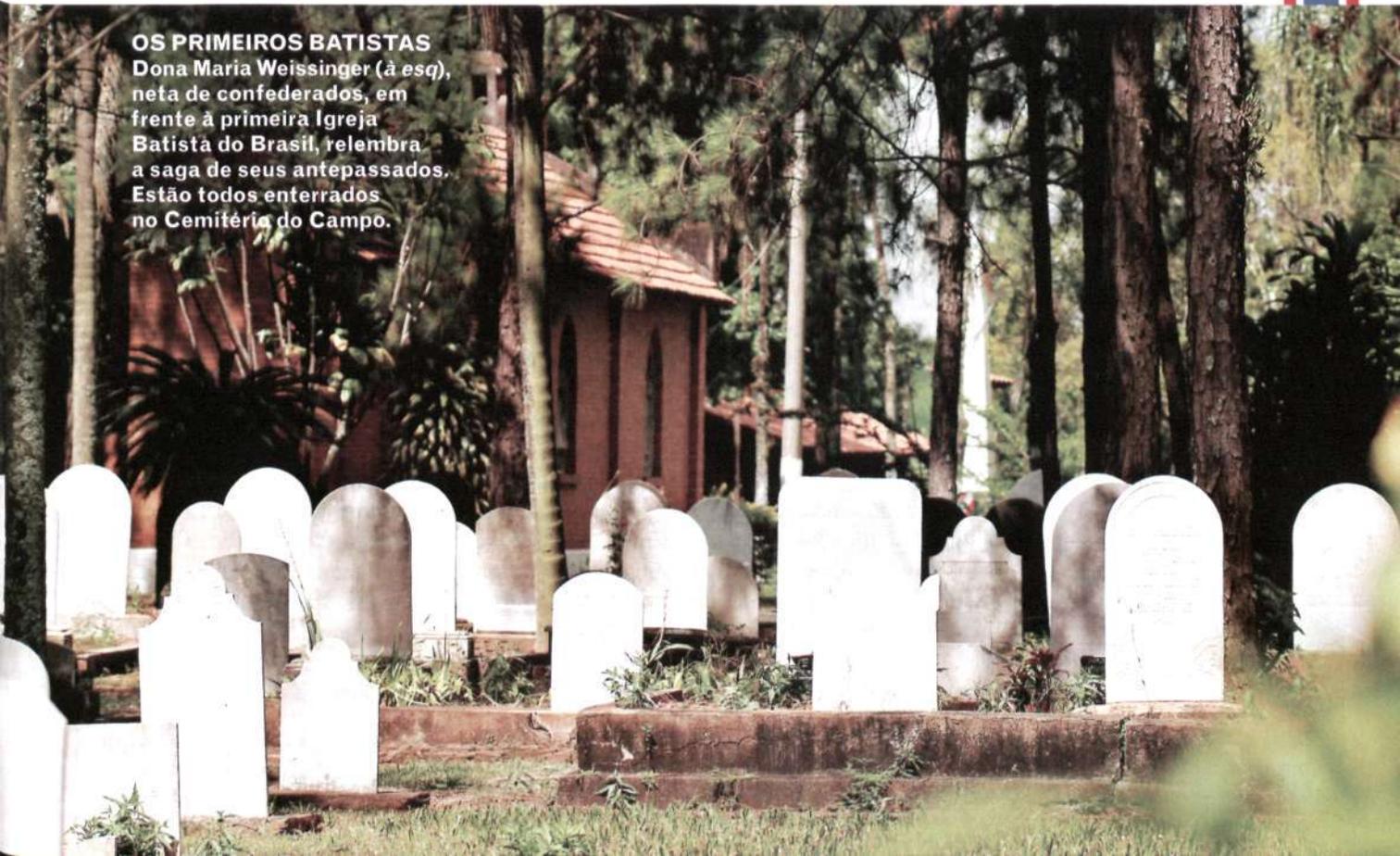
O mistério é como Norris veio parar no interior de São Paulo. “O coronel era grão-mestre da maçonaria e pode ter sido trazido pelos colegas brasileiros”, arrisca Alison, que acredita, inclusive, que o imperador Dom Pedro II também era maçom. Outra possibilidade reside no fato de que, já naquela época, missionários protestantes americanos cruzavam territórios longínquos dispostos a evangelizar. “É bem provável que tenham passado por aqui”, calcula Frederico Padoveze, membro da colônia.

O que é certo é que Dom Pedro II incentivou a vinda dessas pessoas para o Brasil, pois acreditava que a presença dos grandes agricultores do sul dos Estados Unidos

iria promover o desenvolvimento do interior do país. Cerca de 400 famílias sulistas vieram para cá e distribuíram-se por estados como Pará, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Bahia e Santa Catarina. Mas a maioria se concentrou em São Paulo, nas regiões de Iguape e, principalmente, Santa Bárbara d’Oeste. “Eram fazendeiros, profissionais liberais, pessoas estudadas, não eram mão-de-obra braçal”, explica Alison Jones. Conhecedores de técnicas agrícolas mais modernas que as empregadas aqui, os norte-americanos investiram nas mesmas culturas que produziam lá: melancia e algodão. “O arado de tração animal e outros tipos de implementos agrícolas também foram trazidos por eles.”

A idéia do imperador deu certo. Em 1875, o próprio Dom Pedro II inaugurava a estação de trem de Santa Bárbara, construída para escoar a produção de café (cultura já consolidada na região) e algodão. A constante presença dos confederados nas imediações da estação deu ao povoado o nome de Vila dos Americanos, depois Vila Americana e hoje, cidade de Americana – atualmente um importante pólo da indústria têxtil e, junto com Santa Bárbara d’Oeste, grande produtora de cana-de-açúcar.

O tempo promoveu a substituição das culturas agrícolas, o que não aconteceu com os novos códigos so-



OS PRIMEIROS BATISTAS
Dona Maria Weissinger (à esq),
neta de confederados, em
frente à primeira Igreja
Batista do Brasil, relembra
a saga de seus antepassados.
Estão todos enterrados
no Cemitério do Campo.

NASCE UMA NAÇÃO

Um saldo assombroso: mais de 600 mil vidas humanas perdidas. "A Guerra Civil Americana traz à tona o horror que seria confirmado mais tarde nas batalhas da Primeira Guerra Mundial." É dessa forma que Leandro Karnal, chefe do Departamento de História da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), sintetiza a Guerra de Secessão. Não somente pelo número de mortos, mas pelas inovações tecnológicas utilizadas pioneiramente. "O uso em larga escala do telégrafo, dos trens, das metralhadoras e a ocorrência inédita de uma batalha naval entre dois navios coraçados mostram que aquela era uma guerra diferente das anteriores."



A Guerra Civil Americana deixou 600 mil mortos. Foi a mais sangrenta até a Primeira Guerra Mundial



Distintas também eram as duas forças em combate. Apesar da tradição militar do sul, cerca de 65% dos 31 milhões de habitantes dos Estados Unidos na época viviam no norte, sem contar sua poderosa esquadra e o já consolidado parque industrial. Embora a questão dos escravos estivesse na base da luta, outros pontos motivaram o confronto. A eleição para presidente do ianque Abraham Lincoln em 1860 deflagrou a intenção separatista de seis estados do sul do país. Ao longo da guerra, outros sete estados se juntaram à idéia de criar os Estados Confederados da América (*mapa acima*). O resultado, além dos mortos, foi o sul devastado, a solidificação do modelo industrial nortista e o início de uma expansão imperialista. "É o momento de fundação da nação americana como a conhecemos", conclui Karnal.

Nem tudo era positivo na bagagem confederada: o racismo dos grandes fazendeiros do sul dos Estados Unidos também desceu o Oceano Atlântico

ciais trazidos pela cavalheiresca sociedade do sul dos Estados Unidos. "A mulher era vista de outra forma (em comparação aos europeus), tinha um papel mais atuante na família", esclarece Alison Jones. "Além disso, eles vinham de um país onde já existia a República e prezavam a instrução de seus filhos."

Ainda assim, não foram poucos os percalços no arcaico Brasil do século 19. Os americanos protestantes foram proibidos de enterrar seus mortos em cemitérios católicos. Questão que foi resolvida em 1867, quando faleceu a esposa de um imigrante conhecido como coronel Oliver. O marido, impedido de enterrá-la, o fez numa área de pastagem de sua propriedade. O destino foi cruel com a família Oliver e, nos anos seguintes, duas filhas do coronel também morreram. Elas fo-

ram enterradas ali, assim como outros membros da colônia. Surgiu assim o Cemitério do Campo, hoje palco da festa confederada. Em 1871, a primeira Igreja Batista organizada do Brasil foi inaugurada na mesma área. "Este é nosso lugar, nossa morada final. Só que particular", diz Noemia Pyles, 64 anos, emocionada em frente à cova de sua mãe.

Na bagagem dos confederados, porém, a mentalidade racista dos fazendeiros escravocratas também desceu o Atlântico. Ainda é tabu o caso de Dick Crisp, imigrante norte-americano que se envolveu com uma escrava logo após o fim da guerra. O pai, inconformado, fez com o que o filho retornasse aos Estados Unidos para estudar medicina. Mas, quando voltou, o jovem Crisp acabou casando-se com a escrava. "Nossa



O LADO BOM

A herança sulista é percebida na arquitetura das casas (no alto, à dir.) e nas roupas de festa (acima). Cicero Carr, líder da comunidade (acima, à dir.), resume: “Queremos cultivar o lado bom, o estilo de vida do confederado”.

família sofreu preconceito dentro da própria colônia. Essa história causa incômodo até hoje”, atesta Frederico Padoveze, parente do confederado rebelde.

Embora se faça presente, o preconceito racial é perceptível mais em posições pessoais do que como opinião coletiva da colônia. Latente nos mais velhos, educados dessa forma décadas atrás, o racismo parece diluir-se a cada geração de confederado brasileiro. Hoje, até a banda contratada para animar as festas no Cemitério do Campo conta com integrantes negros. “Somos, antes de tudo, brasileiros. Temos orgulho da miscigenação”, afirma Cícero Carr, presidente da Fraternidade de Descendência Americana.

Bem diferente dos estados do sul dos Estados Unidos, onde a bandeira confederada é geralmente relacionada a entidades racistas, como a Ku Klux Klan (criada

no Tennessee após o fim da guerra). “Queremos cultivar o lado bom, o estilo de vida do confederado, sua liberdade, seus valores e coragem.” O brio da descendência americana, dessa forma, resiste ao tempo. “Não é orgulho dos Estados Unidos, é orgulho do sul dos Estados Unidos”, corrige Frederico. Vento dos mais consistentes para manter trêmula a mais sulista das bandeiras confederadas. | T

BRASIL CONFEDERADO
Santa Bárbara d'Oeste e Americana ficam na região paulista industrializada de Campinas.

